

Andréa Cristina Reginato Rocha - RA 8394

Gleiciene Alves da Silva - RA 8776

**Instituições de Ensino Jundiaiense e as Indústrias Têxteis  
nas décadas de 1950 e 1960: uma relação de  
interdependência.**

Faculdade Campo Limpo Paulista – FACCAMP

Campo Limpo Paulista – SP

Novembro - 2010

Andréa Cristina Reginato Rocha - RA 8394

Gleiciene Alves da Silva - RA 8776

**Instituições de Ensino Jundiaiense e as Indústrias Têxteis  
nas décadas de 1950 e 1960: uma relação de  
interdependência.**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado para a obtenção de  
Licenciatura em História. Temática História Regional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Ellen Lucas Rozante

Faculdade Campo Limpo Paulista – FACCAMP

Campo Limpo Paulista – SP

Novembro - 2010

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto a Interdependência entre as Instituições de Ensino de Jundiaí e as Indústrias Têxteis no mesmo município durante as décadas de 1950 e 1960. Realizamos o aprofundamento da temática analisando o contexto histórico da época e seus reflexos na História jundiaiense. A pesquisa remonta o início da industrialização no município, o desenvolvimento do entorno das fábricas com destaque para as Vilas operárias formadas. No quesito educação a análise foi da contribuição da Argos Industrial e Fábrica São Jorge para a formação de escolas de ensino primário. As escolas tinham como público alvo às famílias do operariado têxtil. Utilizando livros, artigos e entrevistas, concluímos a pesquisa ressaltando os fatores que interligava o trabalho exercido nas fábricas de tecido e a educação iniciada nos grupos escolares fabris de Jundiaí.

**Palavras chave:** História de Jundiaí, Instituições de Ensino jundiaiense, Indústria Têxtil.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O processo de instalação das indústrias têxteis em Jundiaí e o desenvolvimento de seus arredores. ....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A relação entre o setor industrial têxtil e educacional na região de Jundiaí nas décadas de 1950 e 1960.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 3 - O legado da indústria têxtil para a educação jundiaiense.....</b>	<b>19</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>23</b>

## ÍNDICE DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1</b> – Indicadores Demográficos e econômicos e Taxa de alfabetização, 1900/1950.....	<b>16</b>
<b>Quadro 2</b> – Indicadores demográficos e econômicos e Taxa de alfabetização, 1950/1970.....	<b>20</b>
<b>Ilustração 1</b> - Estação Ferroviária de Jundiaí - 1910 .....	<b>8</b>
<b>Ilustração 2</b> - Argos Industrial e vila operária .....	<b>11</b>
<b>Ilustração 3</b> - Vila Arens, vista parcial .....	<b>12</b>
<b>Ilustração 4</b> - Grupo Escolar "Marcos Gasparian"- 1962.....	<b>19</b>

## INTRODUÇÃO

A partir da análise da situação educacional de Jundiaí, que vem se destacando na região segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação na forma do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), fez-se necessário saber o que impulsionou o investimento nesta área, deste modo por meio de pesquisas em jornais, notou-se uma co-relação entre o trabalho e a educação jundiaense, em especial será tratado neste trabalho o setor industrial têxtil.

Com o levantamento de documentos, como o Projeto Pedagógico da Escola E.M.E.B Marcos Gasparian, pesquisa em jornais das décadas de 1950 e 1960, e no arquivo da Biblioteca Pública Municipal Prof.Nelson Foot situada no Complexo Argos, o qual a própria história esta relacionada a indústria têxtil do município por ter sido sede da Argos Industrial S.A, empresa do ramo têxtil que funcionou de 1927 a 1984 em Jundiaí, percebemos que havia uma relação entre Educação e indústria têxtil.

Verificamos então que, apesar da importância da indústria têxtil e da educação para o município, não havia material disponível de pesquisas que os relacionassem, o que nos motivou a buscar fontes que comprovem a relação de interdependência entre estes setores.

Portanto neste trabalho pretendemos aprofundar as pesquisas da interdependência entre a Educação no Município de Jundiaí-SP e as Indústrias Têxteis locais nas décadas de 50 e 60 do Século XX e seus reflexos na atualidade, buscando entender a relação existente entre trabalho e educação.

Este trabalho buscou destacar como empresas, que outrora foram de grande importância para o município de Jundiaí, contribuíram para o desenvolvimento educacional. A exemplo disto temos o Complexo Argos, que fora empresa de grande destaque no ramo têxtil, sendo hoje um Centro de Capacitação e Aperfeiçoamento do Magistério; as Indústrias São Jorge, na qual em suas instalações originou-se à Escola

Marcos Gasparian para atender as famílias de seus funcionários quanto a educação básica sendo esta atualmente referência em Educação Básica segundo o IDEB.

A pesquisa foi realizada a partir da seguinte metodologia:

*a) Pesquisa bibliográfica:* uso de livros sobre a História e Educação de Jundiaí, a classe trabalhadora do país e as Indústrias Têxteis pioneiras do município,

*b) Pesquisa documental:* uso dos jornais de época sobre a região a exemplo o Jornal de Jundiaí. Atas presentes nas escolas que serão estudadas neste trabalho.

*c) Fontes orais:* entrevista com antigos trabalhadores das indústrias, para analisar o que as indústrias ofereciam em termos educacionais

## Capítulo 1

### O processo de instalação das Indústrias Têxteis de Jundiaí e o desenvolvimento de seus arredores.

Na cidade de Jundiaí a industrialização iniciada no começo do século XIX, estava atrelada a vários fatores que contribuíram para este fim, tal como o grande contingente de imigrantes europeus e a presença da companhia ferroviária São Paulo Railway Company.

A presença de imigrantes vindos da Europa, e na região em especial os oriundos da Itália, favorecia um início de industrialização devido ao processo já adiantado da Revolução Industrial no continente de origem destes. Estes deram origem às indústrias pioneiras em Jundiaí, deste modo a sociedade que se moldou era mais aberta às ideias liberais e comunitárias, inculcadas nos ideais destes imigrantes que chegavam ao Brasil, a fim de ganhar a América, se tornando empreendedores dos mais variados setores.

A São Paulo Railway Company instalou-se no município de Jundiaí em 1868, como meio de transporte principal para servir de escoamento da produção cafeeira do centro oeste paulista até o Porto de Santos. (Schneider,2008, p.55)



**Ilustração 1 - Estação Ferroviária de Jundiaí - 1910 (Fonte: "Jundiaí na História" 2008 )**



A estação ferroviária era também um entroncamento de onde partiam ramificações para outras regiões do Estado, o que trazia certa dinâmica à cidade. Estes fatores favoreceram o desenvolvimento industrial do município, sendo a indústria têxtil pioneira neste processo.

Este começo de industrialização jundiaense é descrito mais profundamente na obra “Jundiaí na História” (2008), conforme descreve a autora Marília Schneider:

Nas amplas terras desocupadas do lado da estação surgiu a primeira fábrica de Jundiaí, a Companhia Jundiahyana de Tecidos. A data de implantação da Jundiahyana é incerta, embora alguns pesquisadores apontem o ano de 1886. O início de uma atividade industrial era um evento extraordinário e sabe-se que a inauguração da primeira tecelagem da cidade contou com a presença do imperador D. Pedro II. A alta chaminé marcou a presença definitiva da fábrica na paisagem urbana. (SCHNEIDER, 2008, p.108)

As indústrias começaram a se instalar em Jundiaí, por iniciativa do Barão de Jundiaí<sup>1</sup>, sendo a primeira a entrar em funcionamento justamente a Companhia Jundiahyana de Tecidos e Cultura, indústria têxtil que mais tarde transformou-se na Cia. Fiação e Tecidos São Bento, hoje Lafit Indústria e Comércio Ltda.

De acordo com a pesquisadora Sueli Ferreira de Bem (2008), a fertilidade das terras baixas, próprias para plantio do algodão e proximidade da linha do trem, atraiu a indústria têxtil para a região de Jundiaí. A pesquisadora ainda cita:

Solene, nunca competiu com a torre da igreja, sempre acima, na colina, de onde se vê ainda, em alguns pontos, as instalações fabris envolvidas pelo casario. Enquanto rapidamente progrediam as obras da Jundiahyana, uma infinidade de casinhas brotava do chão, aqui, ali, acolá, rente ou em derredor da construção. Era a futura vila a dar mostras de sua rápida expansão. (2008 apud SCHNEIDER, 2008, p.108)

---

<sup>1</sup> Antonio de Queiroz Telles, (Jundiaí, 01 de fevereiro de 1789 – Campinas, 11 de outubro de 1870), político e latifundiário brasileiro produtor de café e cana-de-açúcar. Na visita do Imperador Dom Pedro II a Jundiaí o mesmo hospedou-se em sua residência, posteriormente em Agosto de 1870 lhe concedeu o título de Barão de Jundiaí.

## As Vilas Operárias

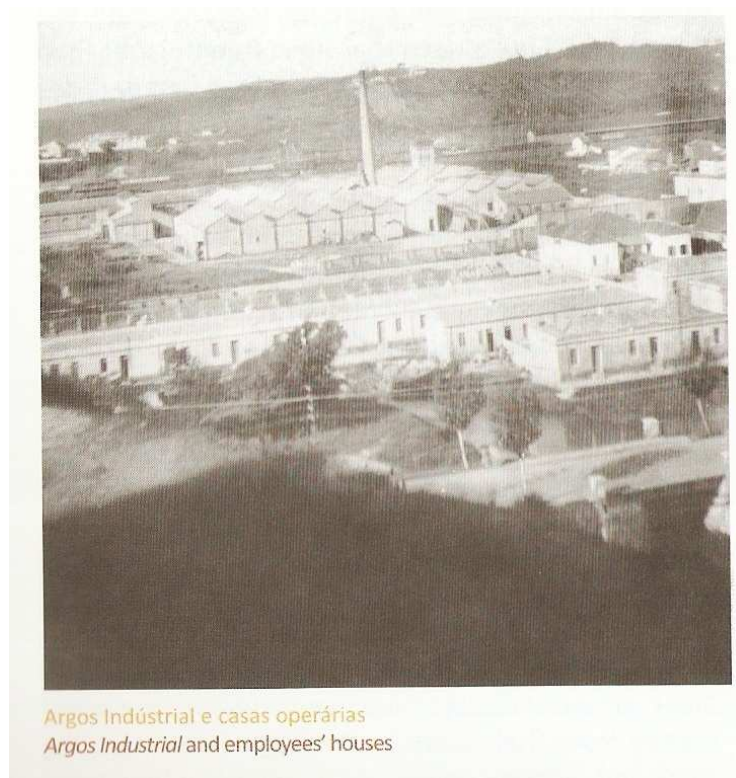
De acordo com o artigo Vilas Operárias, as primeiras vilas, surgiram na Europa, como forma de organizar a grande demanda de trabalhadores que migravam da zona rural para as cidades em busca de possibilidades de trabalho, vindo trabalhar nas crescentes fábricas do período da Revolução Industrial. No Brasil este processo se repetiu na segunda metade do século XIX, com a industrialização tardia. As indústrias têxteis foram as primeiras a criar as vilas operárias, ou seja, um conjunto de moradias populares que abrigavam os trabalhadores das fábricas em seu entorno.

As vilas operárias podem ser entendidas como um benefício concedido pelos empregadores aos funcionários, ou como uma forma de controlar o operariado, sendo as vilas uma extensão da própria fábrica, como discorre a autora Eva Alterman Blay, no livro “Eu não tenho onde morar”: Vilas operárias na cidade de São Paulo (1985):

No interior deste processo de interior de vilas, diferencia-se um outro processo especificamente destinado à produção de vilas operárias. A diferença essencial que distingue as vilas operárias reside no fato de que elas são propriedades das próprias indústrias empregadoras, e se destinam basicamente ao uso da força de trabalho ligada à empresa. Originariamente estas vilas são construídas pelas próprias indústrias ou são compradas já prontas.

A vila operária ou a casa na vila operária, constitui o elemento mediador entre a venda da força de trabalho e o preço pago por esta força. Quando a casa é ofertada ao trabalhador, ela passa a interferir nas relações de produção. Ela tem, ao lado do valor de uso, um valor de troca. (BLAY,1985,p.11)

Na cidade de Jundiaí formaram-se vilas Operárias de várias empresas a exemplo disto as vilas: da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, e das indústrias têxteis, Fábrica São Bento, Vigorelli, São Jorge e Argos Industrial. Algumas destas vilas ofereciam além das residências, armazéns, escolas para meninos e meninas, igrejas, cinema e áreas de lazer.



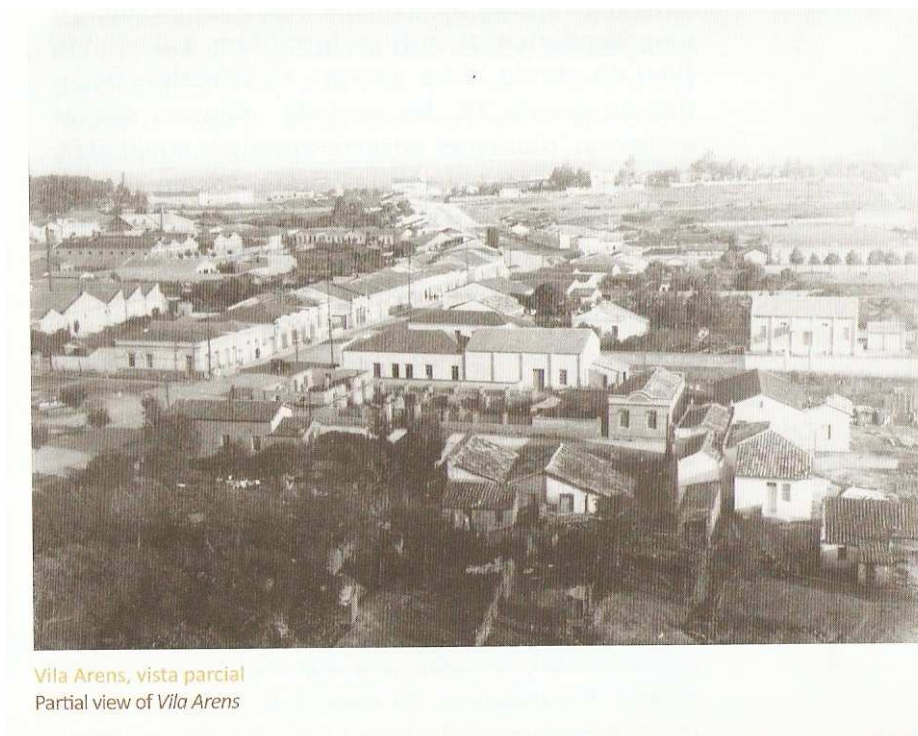
**Ilustração 2 – Argos Industrial e vila operária (Fonte: “Jundiaí na História” 2008 )**

## Empresas pioneiras: Argos Industrial e Fábrica de Tecidos São Jorge

Foi em 1913 que outra empresa têxtil, além da Cia. Fiação e Tecidos São Bento, instalou-se no município: a Sociedade Industrial Jundiaense, que iniciou suas atividades com 150 funcionários. Em 1927, a empresa passou a se chamar Argos Industrial S.A. Já em 1930 a empresa se tornou um dos grandes marcos no desenvolvimento industrial do estado de São Paulo na primeira metade do século XX e símbolo da industrialização e povoamento urbano de Jundiaí. Segundo dados do livro “Jundiaí na História”.

A Vila Arens foi o primeiro bairro industrial de Jundiaí, devido à instalação de fábricas a partir do século XIX, tornando-se um importante centro de produção de tecidos. Maior empregadora da cidade na época, a Argos promoveu intenso movimento de urbanização no bairro da Vila Arens, atraindo moradores, comércio e outras

indústrias do ramo. Em 1953 a indústria já contava com 1825 funcionários conforme as informações coletadas no artigo “67 anos de um mito dos tecidos” (Jornal de Jundiaí, 2009).



**Ilustração 3 – Vila Arens, vista parcial (Fonte : “Jundiaí na História” 2008)**

A Argos foi uma empresa pioneira no desenvolvimento de projetos de caráter social e cultural para seus operários como cita Schneider :

Cronistas jundiaienses recordam que a Argos industrial foi a primeira empresa local a instalar creches, casas operárias, escolas, cinemas e outros benefícios que ligavam profundamente os operários com a vida industrial. A empresa desenvolveu projetos de cunho social e cultural para seus operários antes mesmo que a legislação específica fosse criada. (Schneider, 2008, p.110)

Durante a segunda guerra mundial, a Argos passou a fabricar jeans e calças com tecido de brim, chegando a seu auge nas décadas de 50 e 60.

Com os fatores incentivadores para o desenvolvimento das atividades têxteis no município de Jundiaí, outras empresas surgiram na cidade, como é o caso da Fábrica

de Tecidos São Jorge, indústria de fiação e tecelagem de algodão e lã, pertencente aos irmãos Gaspar, Marcos e Levy Gasparian.<sup>2</sup>

A indústria localizava-se na Ladeira São Jorge, nas proximidades da região que estava em franco desenvolvimento, particularmente no ramo têxtil, Vila Arens, na qual também estava situada a Argos Industrial.

A Fábrica de Tecelagem São Jorge seguia as mesmas relações de trabalho já implantadas na concorrência no trato com seus trabalhadores. A empresa possuía em seus arredores moradias destinadas aos funcionários, os quais para habitá-las pagavam aluguel para a própria empresa. Tal situação era interessante a ambos, pois o trabalhador estando próximo ao local de trabalho despendia pouco tempo e energia em seu deslocamento diário. Além disso, a empresa criou o Grupo Escolar São Jorge, que atenderia primordialmente os moradores de sua vila operária.

---

<sup>2</sup> Família de Marcos Gasparian, de origem Armênia radicada no Brasil desde 1891. Iniciou atividade comercial no município de São Paulo. Após seu falecimento seus descendentes fundaram uma Empresa de Fiação e uma tecelagem de lã. Estenderam este empreendimento para as cidades de Jundiaí, Campinas, Sorocaba e Tatuí.

## Capítulo 2

### **A Relação entre o setor industrial e o educacional no município de Jundiaí nas décadas de 1950 e 1960.**

O decreto-lei 1.238, em 2 de maio de 1939, elaborado pelo Ministro do Trabalho, Waldemar Falcão, durante o Governo do Presidente Getúlio Vargas<sup>3</sup>, criou o Serviço de Alimentação da Previdência Social (S.A.P.S) órgão diretamente subordinado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e destinado principalmente a assegurar condições favoráveis e higiênicas à alimentação dos segurados dos Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões vinculadas ao respectivo Ministério.

Em Julho de 1940 o decreto 6.029 promulgado por Vargas regulamenta a instalação e funcionamento dos cursos profissionais nos estabelecimentos com mais de 500 empregados. Este decreto estreitou ainda mais a relação entre indústria e operários, pois agora além de morar ao redor das fábricas, os operários passaram a se alimentar e estudar no próprio local de trabalho. A Argos industrial, já funcionava neste período com mais de mil funcionários.

#### Argos Industrial e os benefícios aos funcionários

Em 1943 a Argos Industrial iniciou a construção da sua creche que atendia inicialmente 40 crianças, filhos dos funcionários, que recebiam instruções primárias<sup>4</sup>,

---

<sup>3</sup> Getúlio Dornelles Vargas (19 de Abril de 1882 – 24 de Agosto de 1954). De origem gaúcha (nasceu na cidade de São Borja), Vargas foi presidente do Brasil entre os anos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Entre 1937 e 1945 alegando uma suposta ameaça Comunista instituiu um período ditatorial conhecido como Estado Novo. Em 1º de Maio de 1943 sancionou a C.L.T (Consolidação das Leis do Trabalho) que unificou as relações trabalhistas no país.

<sup>4</sup> As finalidades do ensino primário instituídas no Decreto Lei N°8.529 de 2 de Janeiro de 1946 eram: a) proporcionar a iniciação cultural que a todos conduza ao conhecimento da vida nacional, e ao exercício das virtudes morais e cívicas que a mantenham e a engrandeçam, dentro de elevado espírito de Naturalidade humana; b) oferecer de modo especial, às crianças de sete a doze anos, as condições de equilibrada formação e desenvolvimento da personalidade; c) elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho.

educação moral, civil e religiosa, preparando estas crianças desde a infância para ocupar futuramente os postos de trabalho da indústria conforme referenciado no artigo “Argos Industrial”.

Além da instrução primária as crianças também poderiam passar pelo curso pré-vocacional e cursar a escola de fiação de tecelagem que funcionava dentro da própria empresa, o que já habituaría os alunos ao futuro ambiente de trabalho.

## Breve panorama da Educação no país na primeira metade do Século XX

Nesta mesma perspectiva foi instalado em 1945 o SENAI<sup>5</sup>, de Jundiaí, que assim como a Argos industrial se localizava na Vila Arens, bairro que teve seu crescimento ligado justamente à indústria têxtil, que ali já havia se instalado. Neste aspecto podemos notar como os primeiros investimentos feitos pelos industriais na educação começavam a atender as expectativas da crescente indústria têxtil.

Segundo Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra (2006) em seu artigo “O Ensino Industrial no Estado Novo (1939-1942)”, uma das dificuldades em estabelecer o ensino profissionalizante era o fato de que os operários não possuíam ao menos o ensino primário, sendo o tempo médio de escolaridade dos trabalhadores urbanos dos Brasileiros de cerca de dois anos, enquanto os trabalhadores europeus, os pioneiros no processo Fabril, de nove anos. Uma saída para este problema foi distanciar o ensino acadêmico do profissionalizante. Ou seja, o empregado não poderia dispor dos meios de produção, assim como não poderia ser detentor do saber acadêmico, mas sem o conhecimento mínimo também não poderia produzir.

Podemos comprovar a situação de baixa escolaridade básica analisando o quadro do Ministério da Educação sobre índice de analfabetismo no Brasil na primeira metade do século XX :

---

<sup>5</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, criado em 22 de janeiro de 1942, pelo decreto-lei 4.048 do então presidente Getúlio Vargas, surgiu para atender a uma necessidade premente: a formação de mão-de-obra para a incipiente indústria.

## Quadro 1

### INDICADORES DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS E TAXA DE ALFABETIZAÇÃO, 1900/1950

Indicadores	1900	1920	1940	1950
População total	17.438.434	30.635.605	41.236.315	51.944.397
Densidade demográfica	2,06	3,62	4,88	6,14
Renda <i>per capita</i> em dólares	55	90	180	-
% população urbana	10	16	31	36
% de analfabetos (15 anos e mais)	65,3	69,9	56,2	50,0

Fontes: Lourenço Filho, M. B. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965; Fundação IBGE, *Séries Estatísticas Retrospectivas*, 1970.

Nas considerações do Decreto nº 7566<sup>6</sup>, as justificativas para a criação das escolas foi redigida desta forma:

Considerando que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos de fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à nação. (FONSECA, 1961 p.163)

O que poderia ser entendido por parte do empresariado da época como uma responsabilidade exclusiva do Estado e levar ao distanciamento entre o setor produtivo e a Educação, diversas empresas entendiam que um complementava o outro, por isto mantinham escolas em suas instalações, a exemplo disto a indústria têxtil São Jorge.

---

<sup>6</sup> A formação profissional ocorre oficialmente em nível nacional a partir de 23 de setembro de 1909, através do Decreto 7.566, quando Nilo Peçanha instaura oficialmente a Escola de Aprendizes e Artífices nas capitais dos Estados da República, marcando o início da atuação direta e oficial do governo no campo da educação profissional. Criam-se assim 19 escolas nos seguintes estados da união: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná e Pernambuco Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo, com exceção do Rio Grande Sul onde já existia o Instituto Parobé.



## Fábrica São Jorge e a Educação como benefício:

Segundo Bárbara Weinstein (2000), no início da década de 50, a liderança industrial teve a oportunidade de executar planos para que uma paz social significasse um aumento da produtividade. Ela cita em sua obra “(Re)Formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)”:

Nos discursos dos industriais nos primeiros anos da presidência de Vargas observa-se uma notável ausência dos antigos apelos aos valores cristãos e ao anticomunismo, substituídos por uma ênfase nos benefícios, para os operários e capitalistas, que resultariam da expansão da produção industrial e do aumento da produtividade. Para fortalecer as relações entre operariado organizado e os patrões, o SESI (Serviço Social da Indústria) começou em 1951 a promover almoços que reuniam representantes de ambos os grupos. Num desses encontros Mariano Ferraz pediu aos líderes sindicais que não considerassem os serviços do SESI como meras manifestações da generosidade dos patrões. “Não pensem que o patrão brasileiro está lhe dando algo, pelo contrário, está devolvendo a vocês uma parcela daquilo a que vocês têm direito, com a produção aumentada”. Ferraz chegou a pedir que os industriais perdoassem aos industriais os erros cometidos no passado. (WEINSTEIN, 2000, p.305 e 306)

O que pode ser entendido por alguns como uma preocupação social, e, por outros como um planejamento para o futuro da própria empresa, pois esta teria não apenas funcionários melhor preparados e com maior capacidade de assimilar inovações, mas também funcionários fiéis às empresas que seus pais se dedicaram e que lhes ofereceu formação educacional, criando um vínculo de obrigação para com o empregador.

Consta no Plano Político Pedagógico (P.P.P) da “E.M.E.B<sup>7</sup> Marcos Gasparian” que a Fábrica São Jorge de Tecidos oferecia ensino básico aos filhos de seus funcionários:

No ano de 1955, surgiu o grupo escolar da fábrica São Jorge, que a seguir recebeu a denominação de grupo escolar “Marcos Gasparian”, em homenagem ao proprietário fundador da fábrica, o Sr. Marcos Gasparian. O prédio em que funcionava era do proprietário da referida indústria. Após o fechamento da indústria, a municipalidade adquiriu o imóvel, mas permaneceu o nome antigo do patrono. Além das quatro classes que funcionavam em 1955, acrescentaram-se seis e, posteriormente, a escola chegou a possuir 360 alunos. (P.P.P., 2009)

---

<sup>7</sup> Escola Municipal de Educação Básica.

Em meados de 1952 a São Jorge passou a oferecer um espaço que era conhecido como Parquinho, um tipo de Creche, que recebia crianças de 3 a 6 anos, que por serem moradoras da própria vila operária podiam frequentá-lo e permanecerem parte do dia brincando sob os cuidados de uma professora, recebendo alimentação simples, na maioria das vezes um lanche composto por pão com manteiga acompanhado de leite com café. Segundo relato dos antigos moradores da Vila e trabalhadores da fábrica a empresa foi uma das pioneiras no município a implementar e manter um projeto deste cunho. Nota-se que era um benefício importante e valorizado pelos trabalhadores.

Além do Parquinho que a empresa São Jorge mantinha, em uma parceria com a Prefeitura de Jundiáí, em 1955 foi fundado o Grupo Escolar Marcos Gasparian. Nesta parceria a empresa cederia à Prefeitura gratuitamente parte de suas instalações, onde a Prefeitura por sua vez contrataria professores para ministrar aulas ao Ensino Primário, que atendia da então primeira até a quarta série, o público em potencial teria entre sete e dez anos.

A inauguração da escola foi comemorada pelos trabalhadores da Fábrica São Jorge de Tecidos, pois agora seus filhos não teriam mais que se deslocar da Vila operária até as escolas. Além disto, com o Grupo Escolar Marcos Gasparian funcionando dentro da própria empresa, os funcionários teriam prioridade às vagas. Deste modo as crianças teriam garantido na Vila escola dos três aos dez anos de idade.

Os funcionários mais jovens eram contratados com cerca de quatorze anos, portanto na maioria quase que absoluta não possuíam experiência na função de tecelagem. Quando um funcionário novo era contratado ficava aos cuidados de outro que já estivesse a mais tempo na empresa, o qual ficaria encarregado de ensinar a função.

Era comum que a fábrica empregasse membros de uma mesma família, visto que as casas que compunham a Vila Operária eram habitadas por grupos familiares. Sendo assim as mulheres também tinham oportunidade de trabalho, a empresa oferecia

possibilidade de aperfeiçoamento na função de tecelã e as mulheres que assim desejassem poderiam se valer deste benefício.

O aperfeiçoamento acontecia na própria empresa que destinava um pequeno espaço no qual as tecelãs poderiam frequentar um Curso de corte e costura com uma professora paga pelo empregador. Esse aperfeiçoamento era benéfico profissionalmente às tecelãs, pois se destacavam na medida em que se aprimoravam além de poder utilizar o conhecimento adquirido para a confecção de roupas para uso próprio e familiar.

Portanto verificamos que a Fábrica São Jorge de Tecidos agregava benefícios a seus trabalhadores se considerarmos a formação da vila operária próxima à empresa, a educação básica a seus filhos na faixa etária dos 3 aos 10 anos e a possibilidade de aprimoramento profissional e pessoal com o curso de Corte e Costura.



**Ilustração 4 - Grupo Escolar "Marcos Gasparian" - 1962 (Fonte : Arquivo da E.M.E.B Marcos Gasparian**

## Capítulo 3

### O legado da indústria têxtil para a educação jundiaense

Estamos analisando nesta pesquisa algumas nuances do período de instalação e desenvolvimento das indústrias têxteis no município de Jundiaí e de que maneira suas histórias se ligaram à Educação nesta cidade. É inegável que no período foco do trabalho, décadas de 1950 e 1960, o setor educacional estava em avanço. Comparando com o gráfico da página 14 a seguir apresentamos outro quadro em que visualizamos uma diminuição na quantidade de analfabetos no país e que se esse número diminuiria ainda mais na década seguinte:

#### Quadro 2

INDICADORES DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS E TAXA DE ALFABETIZAÇÃO,  
1950/1970

Indicadores	1950	1960	1970
População total	51.944.397	70.119.071	94.501.554
Densidade demográfica	6,14	8,39	11,18
Renda <i>per capita</i> em dólares	-	236	-
% população urbana	36	46	56
% de analfabetos (15 anos e mais)	50,0	39,5	33,1

Fontes: Lourenço Filho M. B. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise., *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965; Fundação IBGE, *Séries Estatísticas Retrospectivas*, 1970.

Segundo indicadores apresentados pela Secretaria de Estado de Educação do Governo do Estado de São Paulo a taxa de escolarização brasileira na faixa etária de 7(sete) a 14 (quatorze) anos em 1950 era de 36%; em 1970 este índice alcançava 67%. Estes dados referem-se à educação básica, iniciada formalmente aos 7(sete) anos.

Em Jundiaí analisamos os benefícios aos funcionários e conseqüentemente ao desenvolvimento do município que as empresas Argos Industrial e Fábrica São Jorge de Tecidos propiciaram naquele período.

## **Fábrica São Jorge**

Em meio a todo este dinamismo da época, a Fábrica de Tecidos São Jorge crescia cada vez mais, e junto com ela a Vila São Jorge formada nos arredores da empresa, tanto que o espaço no qual funcionava o Grupo Escolar Marcos Gasparian já não suportava o número de alunos, que a princípio se acomodavam em quatro salas. Sendo assim o Grupo passou a funcionar em um prédio próprio composto por dez salas, porém o novo prédio ainda permanecia dentro da vila. Em 1976, com a implantação do Projeto da Redistribuição da Rede Física Educacional, uma denominação nova emergiu e o grupo passou a se chamar Escola Estadual do 1º grau “Marcos Gasparian”, chegando a possuir nesta época cerca de 360 alunos cursando da primeira a quarta série primária.

A partir da década de 1970 a Fábrica São Jorge começou a sofrer com a concorrência da importação de tecidos da China que chegavam ao Brasil com reduzidos preços, ficando a empresa nacional incapaz de concorrer. Este juntamente com outros problemas de administração levou a empresa a começar a demitir funcionários, e em 1977 decretar falência deixando os últimos funcionários que ali permaneciam, pouco mais de 120 pessoas, sem receber seus direitos trabalhistas.

Com a falência da empresa os moradores não tinham mais a quem pagar aluguel, assim tornaram-se donos das casas da Vila São Jorge, após uma disputa judicial. Visava-se o leilão dos imóveis, porém, os moradores ao vencer esta disputa, pagaram uma pequena parcela do valor dos imóveis em que já residiam e tornaram-se donos por direito dessas propriedades. Para muitos foi uma forma de ressarcimento pelas perdas de seus direitos trabalhistas após a decretação da falência da empresa.

Após a falência da Tecelagem São Jorge, a Prefeitura de Jundiá tombou o prédio no qual funcionava o Grupo Escolar e o manteve em funcionamento, aumentando o número de salas de aula, mas conservando o mesmo nome, Marcos Gasparian. Inclusive nos idos de 1985, era denominada E.E.P.S.G “MARCOS GASPARIAN” e

funcionava em três períodos de aula. Atendia a alunos de 1º e 2º graus<sup>8</sup>, sendo que o curso de 2º grau habilitava os alunos ao Magistério.

## **Argos Industrial**

Na década de 1970, a empresa Argos Industrial começou a entrar em decadência pela entrada de concorrentes externos e problemas de administração, o que a levou à falência na década de 1980.

Em 1989, a administração Municipal, na gestão do prefeito Valmor Barbosa Martins, comprou o prédio, com a verba destinada a Educação, onde havia funcionado a Argos Industrial. Seus antigos galpões foram divididos em sala de aula, Biblioteca, e Centro de Formação de Professores.

Uma feliz e oportuna decisão dos poderes públicos transformou a área ocupada pela antiga fábrica no Complexo Cultural Educacional Argos. Assim este lugar da memória operária se entrelaça hoje com a vida educacional e cultural da cidade, permitindo a conservação de sua identidade coletiva.(SCHNEIDER, p. 114 )

A ocupação do Complexo Argos pela Secretaria Municipal de Educação facilitou a criação de um espaço sinérgico envolvendo a Educação e a Cultura, sendo um ambiente freqüentado por profissionais da educação e alunos diariamente.

O Complexo Argos foi sendo ocupado aos poucos: primeiro o Centro de Educação de Jovens e Adultos, a TV Educativa, o Centro de Formação e Capacitação de Professores Paulo Freire, o Centro de Exposições Cecília Meirelles, o Centro de Línguas, o Centro de Convenções e Exposições João Guimarães Rosa, além da área de Eventos Mario Lago. Tudo isso concentrado no mesmo espaço interagindo e potencializando ação pedagógico-cultural.

---

<sup>8</sup> Atualmente recebem a nomenclatura de Ensino Fundamental e Ensino Médio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos as Indústrias Argos e Fábrica São Jorge e a partir das fontes pesquisadas, podemos notar que realmente a indústria têxtil foi de grande influência para o desenvolvimento da região, refletindo este desenvolvimento na educação municipal de Jundiaí.

As antigas instalações fabris deram lugar a centros educacionais como discorremos ao longo da pesquisa sobre a Argos Industrial e Fábrica de Tecidos São Jorge. Podemos concluir que uma região que favoreceu o desenvolvimento do setor têxtil foi beneficiada pela urbanização que estas empresas trouxeram ao investirem em vilas operárias com infra-estrutura incentivos a nichos educacionais voltados primeiramente à família operária. Estas empresas obtiveram crescimento significativo e mesmo após o encerramento de suas atividades seus investimentos na educação foram aproveitados e continuados pelo poder público.

A escola originada na Fábrica São Jorge, atual E.M.E.B. “Marcos Gasparian” ocupa local de destaque na educação atualmente, de acordo com os índices pelo Ministério da Educação, através do IDEB. O Complexo Argos por sua vez tornou-se um centro referencial na formação continuada de professores da Rede Municipal de Ensino e um centro de diversificadas atividades culturais e educacionais.

Por fim, Educação e Indústria Têxtil se entrelaçaram no processo de desenvolvimento da cidade de Jundiaí, vivendo uma relação de interdependência onde uma contribuía para o desenvolvimento da outra, resultando no crescimento da cidade de Jundiaí.

## Bibliografia

WEINSTEIN,B. **(Re)Formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. Trad. Luciano Vieira Machado 1.ed. São Paulo:Cortez,2000.

SCHNEIDER,M. **Jundiaí na História**. 1 ed. São Paulo:Porto de Idéias,2009.

BLAY,E. **Eu não tenho onde morar:Vilas operárias na cidade de São Paulo**. 1 ed. São Paulo:Nobel,1985.

\_\_\_\_\_. **67 anos de um mito dos tecidos**. Histórias sobre a Argos Jundiaí.Disponível em: [http://www.portalij.com.br/interna.asp?int\\_id=77825](http://www.portalij.com.br/interna.asp?int_id=77825) .Acesso em: 03 abr.2010.

\_\_\_\_\_. **O gigante que faliu**. Argos lembranças e muita tristeza. Disponível em: [http://www.portalij.com.br/interna.asp?Int\\_IDSecao=1&Int\\_ID=77823](http://www.portalij.com.br/interna.asp?Int_IDSecao=1&Int_ID=77823) Acesso em: 03 abr.2010.

\_\_\_\_\_.**Vilas Operárias**. Sobre os arredores do Complexo Argos.Disponível em:

[http://www.jundiai.sp.gov.br/PMJSITE/biblio.nsf/V03.01/smpm\\_ippac/\\$file/vilas\\_argos\\_fepasa.pdf](http://www.jundiai.sp.gov.br/PMJSITE/biblio.nsf/V03.01/smpm_ippac/$file/vilas_argos_fepasa.pdf) Acesso em: 03 abr 2010.

BEZERRA,A.C.D.R. **“O Ensino Industrial no Estado Novo (1939-1942)”**,2006.

Disponível em: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais\\_eixo01/Amalia%20Dias%20da%20Rocha%20-%20Texto.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais_eixo01/Amalia%20Dias%20da%20Rocha%20-%20Texto.pdf) .Acesso em 07 jul 2010.

LUÍSA,T. “Jundiaí adianta metas para a Educação”. **Bom Dia**, Jundiaí, 05 jul 2010.

Disponível em:<http://www.redebomdia.com.br/Noticias/Diaadia/24169/Educacao+atinge+em+2009+notas+previstas+para+2011>.Acesso em 01 out 2010.

\_\_\_\_\_.**Plano Político Pedagógico**. “E.M.E.B “Marcos Gasparian” (2009)

\_\_\_\_\_.**Argos Industrial**. Sobre a Argos Industrial. Disponível em: [http://www.jundiai.sp.gov.br/PMJSITE/biblio.nsf/V03.01/smpm\\_ippac/\\$file/argosindustrial.pdf](http://www.jundiai.sp.gov.br/PMJSITE/biblio.nsf/V03.01/smpm_ippac/$file/argosindustrial.pdf) .Acesso em 03 abr 2010.